

O Deus libertador em Isaías 41,8-16: contribuições à luz da hermenêutica de Walter Benjamin sobre profetismo e justiça social

The liberator God in Isaiah 41,8-16: contributions considering Walter Benjamin's hermeneutics on prophetism and social justice

Nelson Maria Brechó da Silva
Faculdade João Paulo II (FAJOPA) - Brasil

Resumo

Este artigo aborda o nascimento da experiência de um Deus libertador durante o exílio babilônico. Para tanto, metodologia adotada é a análise exegética e a hermenêutica de Walter Benjamin. Num primeiro momento, analisa-se o texto e o *Sitz-im-Leben*, contexto vital, da perícopes Is 41,8-16, que compreende a retomada do chamado feito a Israel através da importância da memória e realça a crise teológica vivenciada pelos exilados na Babilônia. Em seguida, apresenta-se o comentário exegético-teológico, que abarca a visão de que Deus não desampara os exilados, pelo contrário, está presente no coração deles, suscitando o profetismo, a justiça social e o direito, amparados pela esperança de que Deus continua com eles mesmo fora do Templo. Num terceiro passo, abordam-se a pragmática e a hermenêutica, que demonstra, por um lado, a atitude libertadora do profetismo mediante os seus ouvintes para encorajá-los na perseverança do chamado dado por Deus; por outro, as contribuições da hermenêutica de Walter Benjamin em diálogo com a perícopes, tais como a recuperação do sentido do profetismo bíblico no cenário atual, a promoção da justiça social em vista da superação das guerras e a preservação do meio ambiente. Assim, a mensagem do profeta de outrora permanece válida para o profetismo cristão.

Palavras-chave

Libertador.
Profetismo.
Justiça social.
Direito.

Abstract

This article points to the birth of the experience of a liberator God during the Babylonian exile. To this end, the methodology of Walter Benjamin's exegetical and hermeneutical analysis is followed. First, the text and *Sitz-im-Leben*, the vital context, of the pericope Is 41,8-16, which includes the resumption of the call made to Israel through the importance of memory and highlights the theological crisis experienced by the exiles in Babylon. Second, the exegetical-theological commentary, which encompasses the view that God does not abandon the exiles, on the contrary, is present in their hearts, to arouse prophetism, social justice and law supported by the hope that God continues with them even outside the Temple. Third, the pragmatics and hermeneutics, which demonstrate, on the one hand, the liberating attitude of prophetism towards its listeners to encourage them in the perseverance of the call given by God; on the other hand, the contributions of Walter Benjamin's hermeneutics in dialogue with the pericope, such as: the recovery of the meaning of biblical prophecy in the current scenario, social justice in view of overcoming wars and preserving the environment. Thus, the message of the prophet of old remains valid for Christian prophecy.

Keywords

Liberator.
Prophecy.
Social justice.
Law.

Introdução

A perícopa Sirácida Is 41,8-16, que apresenta o *Go'el*, Deus libertador, consiste num aspecto essencial para se refletir no diálogo entre profetismo e justiça social. O avanço tecnológico possibilita à pessoa conectar-se com o mundo inteiro para obter as informações sobre as notícias cotidianas. Contudo, nesse cenário, torna-se latente a necessidade de filtrá-las, uma vez que muitas são falsas e que têm o objetivo de simplesmente semear a desinformação. Com isso, a pessoa fica agressiva e com a sua consciência acelerada, posto que não supera a base de relacionamento por interesse particular em detrimento do bem comum.

Tanto as guerras, compostas por conflitos de dominação, quanto a degradação do meio ambiente, manifestada por queimadas, desperdício da água e do alimento, revelam a pertinente postura profética. Esta postura abre novos horizontes de reflexão a partir das virtudes, dentre elas, o direito social e a justiça em prol do bem comum. No contexto atual, a capacidade de selecionar notícias da internet pode promover a pesquisa, o diálogo e a

assimilação do conhecimento, ao priorizar conteúdos que realmente irão contribuir para sua formação.

Por essa razão, este artigo sublinha, primeiramente, uma tradução literal do texto e o *Sitz-im-Leben* da perícopes. Num segundo passo, o comentário exegético-teológico para verificar o desenvolvimento da reflexão a respeito do *Go'el*, Deus libertador. Por fim, num terceiro momento, discute-se a pragmática e a hermenêutica, destacando, por um lado, a novidade no ambiente exílico – sobretudo na mudança de sentir a presença de Deus fora do Templo e a reconstrução interna da identidade israelita –, e, por outro, o cenário tecnológico hodierno, marcado pelo avanço torrencial de notícias falsas que disseminam a desinformação e o ódio. A hermenêutica de Walter Benjamin proporciona várias contribuições para trazer o sentido do profetismo bíblico, que visasolapar as construções erigidas pela classe dominante e dar a voz às pessoas invisibilizadas e reprimidas pela *Historie zu machen* história feita, dos vencedores. Elas podem, conseqüentemente, construir a *Geschichte*, História, dos vencidos.

Texto e *Sitz-im-Leben* de Is 41,8-16

Para iniciar a reflexão, destaca-se como ponto de partida a tradução instrumental a partir do hebraico de Kittel (1997, p. 737-738, grifo em itálico e tradução nossa). Veja:

⁸ E, tu, Israel, meu servo, Jacó, a quem escolhi, descendência de Abraão, que me amava.

⁹ Tu, a quem tomei desde os confins da terra, a quem chamei desde os seus recantos mais remotos e te disse: tu és o meu servo, eu te escolhi, não te rejeitei.

¹⁰ Não temas, porque eu estou contigo, não fiques apavorado, pois eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, sim, eu te ajudo; eu te sustenho com a minha destra justiceira.

¹¹ Serão envergonhados e humilhados todos os que se encolerizam contra ti. Reduzir-se-ão a nada e perecerão aqueles que brigam contigo.

¹² Tu os procurarás, mas não os encontrarás, os homens do teu combate; serão reduzidos a nada, ficarão aniquilados aqueles que te fazem guerra.

¹³ Com efeito, eu, YHWH, teu Deus, te tomarei pela tua destra e te direi: não temas, sou eu que te ajudo.

¹⁴ Não temas, vermezinho de Jacó, homens de Israel. Eu mesmo te ajudarei, oráculo de YHWH; o teu *libertador* é o Santo de Israel.

¹⁵ Eis que farei de ti um trilho capaz de malhar, novo e bem cortante. Trilharás os montes, reduzindo-os a pó, dos outeiros farás um montão de palha.

¹⁶ Tu os abanarás e o vento os levará; o furacão os dispersará. Tu te regozijarás em YHWH, no Santo de Israel te gloriarás.

Conforme o contexto histórico, em 597 a. C., Nabucodonosor, rei da Babilônia, atacou a cidade de Jerusalém (2 Rs 24,10-17), levando para o cativeiro todo o povo. O rei Joaquim havia morrido, por causa não conhecida, tendo subido ao trono seu filho Joaquin. Por ocasião da primeira deportação, Nabucodonosor destituiu Joaquim, rei de Israel, e constituiu rei a seu tio Matanias, cujo nome mudou para Sedecias. Este governou de 598 a 587 a. C. (2 Rs 24,18-20).

Em 587 a. C., aconteceu a segunda deportação (2 Rs 25,8-21), mais precisamente no quinto mês, no dia sete, durante o décimo nono ano de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Nabuzardã, comandante da guarda e oficial do rei da Babilônia, fez sua entrada em Jerusalém. Lá, incendiou o Templo de YHWH, o palácio real e todas as casas. Os caldeus quebraram as colunas de bronze do Templo, as bases entalhadas e o Mar de bronze, levando o bronze para Babilônia.

Na deportação, foram levados para Babilônia os líderes políticos e militares, bem como as pessoas que trabalhavam com metal e os serralheiros, pois eram capazes de fabricar armas e ferramentas. A deportação produz um drama moral e religioso nos exilados. Os teólogos de Israel percebem a conexão entre exílio e infidelidade a YHWH. A desgraça decorre da política dos reis, descompromissada com o projeto de YHWH. Com o exílio, os israelitas perderam, de acordo com Wiéner (1984), todos os pontos de apoio sobre os quais repousava a sua fé: a terra, o templo, o rei e as leis.

A terra onde os exilados viveram já não era a nação dada por Deus, o trabalho e o alimento já não tinham mais o mesmo colorido de ação de graças. O Templo foi destruído, e com isso, nasce a incerteza no coração dos

exilados, pois já não tinham mais o lugar para prestar culto a YHWH. O rei de Israel foi exilado e a dinastia arruinada. Disso resulta uma profunda crise teológica, que desmorona a formação religiosa e cultural do povo. Urge a necessidade de reunir os pedaços que ainda sobraram entre os escombros para ressignificar a História, com a garantia de uma profunda reflexão que evoca a volta para si mesmo e ver a presença de YHWH no coração e na mensagem profética como libertadora.

A estrutura política de que dependiam era pagã, inimiga de YHWH, e servidora de Marduk, o Deus da Babilônia. As leis de Israel e os costumes não eram mais voltados para YHWH e sim para Marduk. Era forte a influência do modo de vida pagão, muito diferente do *ethos* (modo de vida) javista.

Sem os pontos de apoio, os exilados corriam o risco de dispersar-se. Perdem o sentido da vida e de YHWH, porque acreditavam estar desamparados, pois YHWH os teria abandonado. O exílio seria, então, um castigo devido à infidelidade deles. A pregação profética insistia na fidelidade a YHWH, como penhor de bênçãos e o exílio era um sinal de castigo pela infidelidade do povo. Segundo Peetz,

Na tradição judaica, o exílio é chamado de *Gola*. A palavra deriva do verbo hebraico *glh*, que se emprega com o sentido de “levar para o desterro”. O significado fundamental de *glh* é, porém, “despojar”; o exílio, portanto, é caracterizado como o *despojamento da terra* (de seus legítimos proprietários) (Peetz, 2022, p. 194).

Esse era o ambiente histórico dos exilados. Estavam imersos numa profunda crise e se perguntavam: o que nos resta da Aliança? Por que YHWH não nos protegeu? Seria porque era menos forte que Marduk? Nesse contexto de desolação, aparece um profeta no meio do povo, o Dêutero-Isaías, que, em meio à crise existencial que a comunidade vivia e a dispersão por não ter mais a terra, anuncia sua mensagem carregada de esperança e uma visão de um *Go’el*, Deus libertador. Sua atuação no meio dos exilados, ajudou-os a recuperar a fé no Deus dos antepassados.

A maioria dos comentadores admite ter o Dêutero-Isaías atuado entre os exilados da Babilônia nos momentos finais do exílio. Tomando a referência a menção a Ciro (do qual se fala expressamente em Is 45,1-8 e ainda 41,1-5; 48,12-15), pode-se fixar o conteúdo destes capítulos entre o ano 553 a. C., quando começaram as campanhas vitoriosas de Ciro, e o ano 539 a. C., data da rendição da Babilônia.

Muitas são as opiniões acerca do profeta e de sua identidade, mas nenhuma delas é completamente segura. Alguns autores afirmam que ele nasceu na Babilônia e ali terminou a sua atividade profética. Para outros, teria voltado a Jerusalém após o ano 538 a. C. e ali continuou a sua pregação. Destaca-se, com isso, o comentário de Mali, que é, de fato, mais esclarecedor: “O nome Dêutero-Isaías foi dado pelos estudiosos bíblicos para um profeta cujo nome nós não conhecemos, mas cujas profecias foram conectadas, num período tardio da história do Antigo Testamento, com as profecias do Terceiro Isaías para formar um livro” (1967, p. 155, tradução nossa).

O objetivo de sua atuação era mostrar YHWH como o soberano, que se fazia solidário com o povo exilado. De acordo com Steimann, “essa mensagem é anunciada pelo profeta para que o povo não desanime, visto que, mesmo estando no exílio, YHWH não foi infiel diante da infidelidade deles” (1976, p. 213). A fidelidade divina proporciona a ligação entre YHWH com o povo, pois a sua solidariedade não se esgota em virtude de sua ação criadora e libertadora. Boscolo descreve detalhadamente a vida dos exilados:

O fato de se encontrarem num país estrangeiro, expostos ao perigo de assumir seus costumes, especialmente os religiosos, leva os exilados a reforçar os laços internos do povo judaico. Esse é o período no qual os costumes como a circuncisão, a observância do sábado, as leis de pureza ritual se tornam distintivo de pertença ao povo de Israel. A atmosfera triste e nostálgica, mas ao mesmo tempo fortemente nacionalista e cheia de esperança para o futuro, está bem refletida no célebre Salmo 137 (*junto aos canais da Babilônia*). Do mesmo modo, o Dêutero-Isaías abre seu livro anunciando com alegria o fim do exílio: “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso

Deus. Falai ao coração de Jerusalém e gritai para ela que a sua servidão acabou” (Is 40,1-2) (Boscolo, 2021, p. 95).

O Dêutero-Isaiás fundamenta a sua reflexão na tradição do seu povo, mostrando que o profeta crê naquilo que YHWH faz no meio do povo. Ele crê, antes de tudo, na presença de YHWH ao longo de uma História, em função da *berit*, aliança feita por Ele com o povo. A mensagem profética assegura a compreensão da aliança como intimidade, amizade, confiança e o amadurecimento do amor para que ocorra o desenvolvimento da História com a visão de que YHWH se encontra, também, fora do Templo. O exercício da memória torna presente as principais experiências vividas no passado e fortalecem a caminhada no exílio, a fim de que se estabeleça um novo horizonte do futuro a partir do presente, a saber, o reconhecimento das fraquezas humanas para que a ação divina consiga a libertação do povo.

Em relação à História global, o profeta tem uma percepção explícita e absolutamente universalista, pois se dirige a todas as nações, mesmo as mais longínquas. Contudo, o destinatário de sua mensagem é essencialmente Israel. A salvação só é oferecida para as demais nações por e em Israel. As nações apenas terão acesso a YHWH pela inserção e a incorporação em Israel. Disso, decorre um novo percurso da História, porque a mensagem profética abre um novo horizonte para pensar a ação divina como solidária e libertadora. Cabe ao povo reforçar a sua identidade de pertença através da abertura do coração face ao chamado divino.

Comentário exegético-teológico

No tocante à delimitação de Is 41,8-16, nota-se que, por um lado, na perícopes anterior, v. 1-7, há a vocação de Ciro e o julgamento do glorioso chefe com Israel; por outro, na perícopes posterior, v. 17-20, vemos o Novo Êxodo (Ex 17 e Nm 20,1-11). O texto, em sua estrutura, divide-se numa introdução (v. 8-9) e duas estrofes paralelas (v. 10-13) e (14-16). O povo recebe um nome duplo e o sobrenome de Abraão, sugerindo uma escolha para o serviço e, para Abraão, a intimidade com Deus. O oráculo remonta às origens patriarcais e à promessa feita antes da *berit*, aliança.

O termo *Go'el* tem várias fontes e paralelos na literatura veterotestamentária. A raiz verbal hebraica *Ga'al* significa resgatar, reivindicar e proteger. O termo *Go'el* (que é o particípio ativo da voz simples [= Qal]) relaciona-se com o tema da solidariedade familiar, ou seja, os membros da família (clã) têm o direito de serem ajudados e protegidos. Esta ajuda e proteção são reguladas legalmente, atribuindo ao *Go'el* a tarefa de ajudar e proteger indivíduos ou o grupo. Bojorge (1998, p. 8, tradução nossa). esclarece o sentido de *Ga'al* na ótica do Dêutero-Isaías:

Dêutero-Isaías interpreta a libertação do cativo babilônico como um novo êxodo e a designa, em consequência como *Ga'al*, a ideia do restabelecimento das relações de aliança que tinha sido interrompida: Isaías 41,14; 43,1.14; 44,6.22-23; 47,4; 48,17.20; 49,26; 51,10; 52,9; 54,5; 60,16 (Bojorge, 1998, p. 8, tradução nossa).

Conforme Monloubou e Dubuit, “em Israel, por exemplo, o redentor era alguém que agia como parente em favor de alguém escravizado, ferido ou ameaçado de perder a honra, dignidade ou, até mesmo, a propriedade” (1997, p. 329). Desse modo, no Dêutero-Isaías, *Go'el* é a expressão de um Deus libertador, que deseja libertar os israelitas da condição de exilados. Essa visão libertadora foi apresentada pelo profeta para que o povo não perdesse a esperança de retornar à terra. As referências ao *Go'el* no Dêutero-Isaías devem ser lidas tendo, como pano de fundo, outros textos do Antigo Testamento. Em Lv 25,47-49, os israelitas devem redimir o parente que fora obrigado a vender-se como escravo por dívidas (Lv 25,47-55). Se alguém se vê na iminência de vender-se a um estrangeiro para saldar uma dívida, deve ser resgatado por um de seus parentes próximos. No livro dos Nm 35,12.19-24.25, constata-se que o vingador de sangue cuidava para que o assassino do seu parente sofresse vingança. Uma das obrigações mais graves do *Go'el* de sangue era a proteção dos membros mais fracos e oprimidos do clã. Esta instituição serve de pano de fundo para Gn 4,23-24, pois Caim foi vingado sete vezes, Lamek sê-lo-á setenta e sete vezes (2 Sm 3,22-27.30). Joab mata Abner para vingar a morte de seu irmão Asael (2 Sm 2,22-23). Em função disto, foram criadas cidades de refúgio para onde fugia quem se julgava inocente, mas era perseguido pelo *Go'el* de sangue (Nm 35,9-34; Dt 19,1-13).

YHWH manifesta-se, de acordo com Vicent (1969), algumas vezes como *Go'el* de seu povo (Gn 48,16; Ex 6,6; Is 43,1; Os 13,14; Jo 19,25). Na tradição hebraica, o *Go'el* é o parente mais próximo que, na falta do pai, deve assumir em relação aos membros da família algumas obrigações particulares. Cabe-lhe, primeiro, resgatar o seu parente tornado escravo; segundo, comprar as terras ou propriedades da família, caso estejam alienadas; terceiro, casar-se com a viúva que não teve filhos; e, quarto, vingar o sangue de seu próximo que for assassinado. Ademais, segundo Auneau:

lahweh é o criador do povo que ele resgata; mas é também aquele que formou os elementos do universo. O encontro frequente dos dois vocabulários alarga a dimensão do to redentor, enquanto a criação se torna o primeiro ato da salvação. O profeta responde aos problemas da hora, renovando a tradição (1992, p. 325).

Em relação à crítica redacional, na perícopa goeliana, Is 41,8-16 (Is 41,8; 44,1-5; Sl 48 [47]), de modo especial o v. 14 identifica o *Go'el* como o Santo de Israel. YHWH age enquanto *Go'el* de Israel na medida em que o chama de “meu servo” em hebraico *'ebedi*. Tal afirmação aparece duas vezes (v. 8 e 9). Além disso, YHWH escolhe Jacó com o termo “que me amava” em hebraico *ihavi* (v. 8). Assim, YHWH se dirige a seu povo, conforme Wiéner, num oráculo de salvação, tal como exemplo os v.14-16:

O *oráculo* de salvação é mais complexo. Apresenta-se como uma palavra de Deus ao fiel que foi afligido e se vê salvo. Geralmente tem quatro etapas: a) primeiro a fórmula característica: “Não temas”; b) depois a indicação do destinatário e às vezes uma descrição da sua aflição; c) a seguir uma promessa: “Eu te auxílio”, “Eu te resgatei”, “Tu não sofrerás mais”; d) enfim, uma motivação: “pois estou contigo” [...] “eu sou o teus Deus [...]” (1984, p. 34).

No v. 10, o medo radical e instintivo do homem se duplica ante a presença numinosa da divindade. A palavra de Deus vence a angústia humana com um imperativo eficaz, com sua presença atestada, com seu auxílio. No v. 13, a presença toma a forma de um contato robusto e caloroso: “te ajudo” em hebraico *azartikha* (v. 10.13.14). Para Arango,

a relação do redentor, o próprio Deus, é definida através de várias ações que Javé realizou ao longo da história em favor do povo: criou e formou o povo (43,15; 44,2.24); salvou-o (43,1.3; 49,26). Por isso o profeta afirma com razão que se trata do “Deus de Israel” (41,13; 43,1.3; 48,17; 51,16). Consequentemente, o povo de Israel pertence a Javé (43,1), é obra sua e Deus o ama profundamente como uma mãe (49,14; 54,7.8a) (1994, p. 47 [p. 143]).

Em relação àqueles que são contra Israel, YHWH, *Go’el*, os envergonhará e eles serão humilhados. YHWH aniquilará aqueles que fazem guerra contra Israel (v. 12). Assim, serão reduzidos a nada todos os que se opuserem a Israel (v. 11).

Nos v. 11-12, percebemos fórmulas provenientes de Salmos 35 [34],26; 40[39],15; 56[55],10; 63[62],10s; 70[69],3s. YHWH é sempre solidário com Israel. Por isso, não há motivo para temor, porque YHWH fortalece, ajuda e segura firmemente Israel (v. 10). YHWH, *Go’el*, é “o redentor, o Santo de Israel” em hebraico *vgoelekh kadosh Israel* (v. 14). Pode-se ver, também, no Sl 22 [21],7; Nm 13,33. Arango aponta que

Go’el se aproxima do ouvido do povo por meio do profeta para consolá-lo, coloca-se a seu lado, em seu caminho, e lhe fala (41,14), anima-o fortalece-o e o auxilia (41,14), lhe dá esperança (41,8-16; 44,2; 51,12). Como? Lembrando-lhe quem é o verdadeiro Deus, fazendo memória de sua história de salvação e mostrando-lhe a atualidade desse Deus que continua dirigindo-se a seu povo com carinho e delicadeza. O Deus do passado continua no meio de Israel (1994, p. 48 [p. 144]).

Através da redenção, YHWH converte Israel (v. 14-15). Israel deixa de ser o “vermezinho” para ser “trilho aguçado”. Tal título “vermezinho” lembra a súplica atribulada, quando o homem se sente arrastado como verme. Nesse sentido, percebe-se a linha teológica da conversão. Aqueles que se converterem a YHWH regozijarão e serão glorificados no Santo de Israel. YHWH será o *Go’el* que garante a alegria e, ao mesmo tempo, a salvação (v. 16), porque une, conforme Bojorge, a *hen*, graça, *hesed*, misericórdia (amor) e *berit*, aliança:

O *epos* bíblico narra como Deus, por *hen*, por graça, e por *hesed*, amor misericordioso, se faz parente de Abraão primeiro e logo de seus descendentes, mediante as Alianças; e

como em virtude desse parentesco contraído por Aliança, em sua qualidade de *Go'el* Deus se obriga a perseverar nas atitudes e condutas da misericórdia (*hesed*) que seu goelato exige [...] a aliança, em hebraico, se diz berit. A graça que leva a escolher: hen. A misericórdia, o amor, a dilecção que une os membros da aliança: hesed (1998, p. 61, tradução nossa).

Por fim, na perícope estudada, a palavra *Go'el* segue a linha teológica da conversão e da salvação, porque o fato de converter revela uma atitude acolhedora de YHWH, que não desampara o seu povo (v. 16). De fato, o verbo libertar pode se referir à libertação divina de Israel do Egito ou à condução dos israelitas através do mar dos Juncos. Assim, o profeta escreve: “Fizeste do fundo do mar um caminho a fim de que os resgatados passassem” (Is 48,20). Além disso, o termo libertar, segundo Klein, relaciona-se com “afirmações sobre o poder de YHWH (Is 54,5)” (1990, p. 126-128). YHWH tomará partido pelo oprimido no sentido de ajudá-lo na tomada de consciência, na compreensão de sua situação, no gesto de ser solidário, de criar oportunidades e apontar saídas.

Pragmática e hermenêutica

À medida em que se avança a análise no campo da pragmática, urge a necessidade de descobrir a intenção do profeta. Por esse motivo, cabe examinar a seguinte questão: como a teologia do *Go'el*, Deus libertador, trouxe pistas para os exilados?

Os exilados interpelavam acerca do sentido da própria existência, uma vez que estavam no exílio devido à idolatria e, sobretudo, à falta de confiança em YHWH. Pode-se, com isso, denominar esta fase como um período penitencial, no qual as pessoas pensaram, inicialmente de que YHWH tinha as abandonado por causa do pecado. A mensagem profética impulsionará as pessoas no exame de consciência, por intermédio da revisão de vida acompanhada pelo arrependimento das faltas cometidas. Além do mais, perceberão no coração, a continuação do chamado de YHWH para que ocorra a conversão e salvação.

Além disso, surge uma nova experiência de YHWH por meio do profeta Dêutero-Isaías. As pessoas percebem que YHWH não os abandonou durante o exílio, porque é um Deus *hesed*, fiel, ao povo de Deus. É, inclusive, um *Go'el*, Deus libertador, pois recupera a dignidade humana do povo de Israel e o considera como servo fiel, de sorte que sugere a continuação da História perante o reconhecimento das falhas humanas e o seu comprometimento numa vida nova. Segundo Arango, o Dêutero-Isaías “é o homem atento ao acontecer de Deus na história, que experimenta a YHWH, não de braços cruzados frente ao desastre de seu povo, senão ativamente, fazendo de seu povo um servo fiel” (1992, p. 262, tradução nossa).

A experiência de YHWH durante o exílio permite que germine uma forma totalmente nova de experimentá-lo. Os exilados experimentam YHWH fora do Templo, pois percebem que Ele está presente no coração, mesmo diante das dores e das crises. Assim, nota-se que a experiência libertadora nasce da interioridade marcada pela desordem na vulnerabilidade humana. O reconhecimento dessa desordem garante nos exilados o afloramento da humildade de admitirem as suas faltas e o desejo de serem resgatados por YHWH para praticarem o direito e a justiça social na dimensão profética. Conforme Beauchamp, “YHWH se apresenta. Ele se apresenta a Israel, um povo desencorajado” (1991, p. 244, tradução nossa).

Se a mensagem libertadora forneceu um período penitencial ao povo de Israel, torna-se evidente a relevância de retomá-la no momento vigente através da hermenêutica. Disso, decorre a pergunta pertinente à continuidade no desdobramento da mensagem profética: que luzes a teologia do *Go'el*, Deus libertador, oferece para o mundo atual nas crises enfrentadas na vivência da fé?

No cenário tecnológico, há vários desafios no que diz respeito à aplicabilidade do profetismo, da justiça social e do direito. As guerras e as queimadas são os principais rastros da deterioração humana, pois a pessoa deixa de exercitar o seu compromisso de cooperar na obra da criação e na escrita de sua História. Pensa que consegue escrever, porém a sua escrita é bem vaga e sem finalidade, uma vez que se preocupa simplesmente no bem-

estar pessoal em detrimento da vida comunitária. É importante o progresso industrial e de consumo, esquecendo-se da formação ética tão fundamental para o reconhecimento de sua vulnerabilidade.

A recuperação da identidade humana se dá no exame de consciência, que, por sua vez, remete a pessoa a voltar para si mesma no desejo de encontrar o sentido de sua própria existência. Com isso, na oração de meditação ou contemplação, a pessoa pode sentir uma iluminação divina, que conduza o uso de sua liberdade com responsabilidade pelo cuidado de si, do outro e do mundo.

Ao direcionar o olhar para outras passagens bíblicas, vê-se, por exemplo, em Jo 8,12: “Eu sou a luz do mundo, quem me segue não caminhará em trevas, mas terá a luz da vida”. Um dos ritos da festa das Cabanas consistia em acender vários candelabros num átrio do templo. Jesus se apresenta como “luz do mundo”, não só de Israel.

A luz é, inclusive, vida. Embora a fórmula grega *fôs*, luz, e *zôé*, vida ou luz viva, que não é preciso alimentar periodicamente; à semelhança da água da vida/luz viva, que mana sempre, não seja frequente (Sl 56 [55],14; 33 [32],30), a ideia é comum, já que viver é ver a luz do dia e o parto é dar à luz. A luz é um dos símbolos mais ricos e frequentes para falar de Deus e do divino (Sl 27 [26],1; 36 [35],9- 10). O segundo salmo (36 [35]) é mais pertinente, porque concentra num par de versículos os temas joaninos: comida, bebida, manancial e luz: “nutrem-se de gordura de tua casa, lhes dá de beber da torrente de tuas delícias, porque em ti está a fonte da vida, luz viva, e tua luz nos faz ver a luz”.

Em João, o símbolo da luz atrai seu oposto: as trevas, expressas pelo vocábulo grego *skotía*, que remetem tanto à morte física (Jo 1) quanto do espírito. A luz se impõe com sua evidência, não precisa demonstrações; mas a pessoa pode fechar os olhos à luz. O seguimento de Jesus como libertador incorpora a mensagem profética do *Go’el*, Deus libertador, posto que envolve caminhar atrás Dele, deixando que Ele marque e ilumine o caminho do cristão. A expressão hebraica *rai* significa luz viva ou vida, que implica a

prosperidade, a paz e a felicidade (Sl 134[133],3). Além disso, designa nos Provérbios a sabedoria (Pr 13,14; 16,22; 18,4) e o temor de Deus (Pr 14,27).

A postura cristã envolve ser submisso ao chamado do Senhor, mediante o uso da liberdade como servo de Deus (1Pd 2,13-17) e que atualiza a mensagem profética do Dêutero-Isaías a respeito do “meu servo” (Is 41,8-9). Segundo o exegeta Jean Richard Lopes, no seu comentário em nota de rodapé na “Bíblia Novo Testamento” sobre a 1Pd 2,13-17 afirma: “*Ser submisso* não equivale a servilismo, mas sim a respeito e disciplina diante de uma autoridade constituída como legítima. A motivação é o Senhor mesmo, cuja vontade é de que os cristãos cooperem com o bem (1Pd 2,14.15.17)” (2015, p. 570). De fato, no texto de Aland, a expressão “sede submissos” (1Pd 2,13) elucida claramente o sentido grego *ypotágéte* (2001, p. 789), visto que sugere respeito para que cada um possa exercitar sua liberdade como correspondência à obra criadora de Deus. Nesse sentido, o anúncio goeliano é fundamental no mundo atual para não se perder a identidade libertadora e a formação sólida acerca da ética.

Nesse processo da hermenêutica de Is 41,8-16, além de verificar outras passagens bíblicas tal como foi exposto, é possível verificar a contribuição da hermenêutica de Walter Benjamin. Trata-se de um pensamento muito interessante que abarca os desafios presentes no cenário do século XX. Ele atuou como um profeta diante das catástrofes vivenciadas no decorrer dos anos. A ligação de sua maneira de interpretação para com o texto bíblico pode se dar mediante o papel de ser um crítico literário capaz de escrever a *Geschichte*, História dos vencidos, de modo a resgatar aqueles que não aparecem na *Historie zu machen*, história feita, dos vencedores. Dessa forma, destacam-se alguns apontamentos de seus escritos.

O capítulo *Feuermelder*, Alarme de incêndio, presente em *Rua de mão única* (1928), é um texto interessante de Walter Benjamin. Nele, o autor realça um sentido profético ao comentar da inflação e da guerra de gases:

A representação da luta de classes pode induzir em erro. Não se trata nela de uma prova de força, em que seria decidida a questão: quem vence, quem é vencido? Não se trata de um combate, após cujo desfecho, as coisas irão bem para o

vencedor, mal para o vencido. Pensar assim é encobrir romanticamente os fatos. Pois, possa a burguesia vencer ou ser vencida na luta, ela permanece condenada a sucumbir pelas contradições internas que no curso do desenvolvimento se tornam mortais para ela. A questão é apenas se ela sucumbirá por si própria ou através do proletariado. A permanência ou o fim de um desenvolvimento cultural de três milênios são decididos pela resposta a isso. A história nada sabe da má infinitude na imagem dos dois combatentes eternamente lutando. O verdadeiro político só calcula em termo de prazos. E se a eliminação da burguesia não estiver efetivada até um momento quase calculável do desenvolvimento econômico e técnico (a inflação e a guerra de gases o assinalam), tudo está perdido. Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado. Ataque, perigo e ritmo do político são técnicos - não cavalheirescos (2012, p. 46).

A atualidade político-ecológica das reflexões de Benjamin, como a inflação e a guerra de gases, indica um comportamento similar ao Antigo Testamento, pois chama a atenção para o que se pode acontecer no futuro e deseja a aplicabilidade do profetismo e da justiça social. Ademais, deseja que a pessoa possa obter a salvação. Por esse motivo, Löwi afirma que

Walter Benjamin foi um profeta. Não daqueles que dizem prever o futuro, como o oráculo grego, mas no sentido dado pelo Antigo Testamento: aquele que chama a atenção do povo para as ameaças futuras. Suas previsões são condicionais: “é isso o que acontecerá, a menos que ...”, “exceto se ...”. Nenhuma fatalidade: o futuro permanece aberto. Como afirma a Tese XVIII *Sobre o conceito de História*, cada segundo é a porta estreita pela qual pode vir a salvação (2019, p. 147-148).

O aspecto comunitário corresponde a um elemento profundamente essencial a ser ressignificado por Benjamin, uma vez que a sociedade moderna prioriza a individualidade. O desenvolvimento de pequenas comunidades portadoras da razão crítica favorece o diálogo em virtude do bem comunitário e da vivência em comunhão - solidariedade com aqueles que são excluídos do sistema capitalista. Esse sistema massacra o povo e modela a sua consciência no formato da dependência afetiva, em vez de fomentar uma independência crítica e autônoma. Tal perspectiva abre horizontes para um sentido

ecológico, fundamental no cenário atual, marcado pela autossuficiência e pelo egoísmo desenfreado.

Em *Rua de mão única* (1928), Benjamin se refere à *Rausch*, embriaguez, como a expressão da relação mágica do homem antigo com o *Kosmos*, mundo. Entretanto, nota-se que a *Erfahrung*, experiência da embriaguez, que caracterizava essa relação ritual com o mundo, praticamente desapareceu da sociedade moderna. Esta relação mágica alude o sentido esotérico e religioso de ter encantamento com o mundo, ao invés de reduzi-lo ao tecnicismo e torná-lo um objeto de produção descartável, que pode trazer consequências drásticas no âmbito político-ecológico.

O pensamento de Walter Benjamin sobre a relação entre História e Literatura promove uma contribuição fundamental para a hermenêutica, pois aponta a necessidade de apresentar o *Zeit*, tempo, em que ela foi elaborada e o tempo em que a reconhece como oportunidade de análise. Para Silva,

quando olhamos para o texto de Benjamin de 1931, A história da literatura e ciência da literatura, percebemos que ele critica a formação beletrista do século XVIII, que atua como uma espécie de Estética Aplicada, Manual de Estética e como um catálogo de livreiros. A História da Literatura como uma disciplina da História é negativa no que se refere de apresentar as obras das letras, *Werke des Schrifttums*, no contexto de seu tempo reduzidas à matéria da história feita, *Historie zu machen*. Ela é positiva se levar em conta a luta das imagens que recoloca outro olhar sobre a História, *Geschichte*. Nesse sentido, é indispensável apresentar as obras das letras no tempo em que elas surgiram e fazer uma apresentação do tempo que as reconhece, a saber, o nosso próprio tempo (2020, p. 649-650).

A *Zeit darzustellen*, apresentação do tempo, que reconhece a obra literária, colabora na perspectiva da hermenêutica bíblica, porque a pessoa pode verificar de que forma a mensagem de Dêutero-Isaías pode afetar o mundo atual. A leitura bíblica permite o mergulho na origem do texto e na interação com os desafios de seu tempo. Com isso, a condição do reconhecimento apontada pelo Walter Benjamin provoca o ouvinte a participar da interpretação textual. O biblista atua como um crítico literário,

uma vez que procura entender o porquê da mensagem teológica sobre a imagem do *Go'el*, Deus libertador.

A análise da situação do texto remete a olhar para sua *Ursprung*, origem. Quando se olha nela, torna-se emergencial a articulação da linguagem, que se constitui na ação no *Jetztzeit*, agora ou instante. Além do mais, essa ação é considerada como emergencial que irrompe como *Sprung*, salto. A *Geschichte*, História, pode ser recontada na construção de uma origem: a História pode ser renomeada. O agora é o tempo que traz o passado, o presente e o futuro simultaneamente em uma dialética que o paralisa em uma imagem e mostra o radicalmente novo. Conforme Gagnebin,

o instante imobiliza esse desenvolvimento temporal infinito que se esvazia e se esgota e que chamamos - rapidamente demais - de história; Benjamin lhe opõe a exigência do presente, que ela seja o exercício árduo da paciência ou o risco da decisão [...] então a história que se lembra do passado também é sempre escrita no presente e para o presente (2013, p. 97).

A crítica literária ou filosófica se refere a uma obra futura, pois é capaz de dar uma sobrevida à obra, a partir do gesto crítico, que quebra com a sintaxe da narrativa e instaura um saber nas obras, no presente da construção de uma nova experiência. O ato de interpretar envolve perceber as luzes possíveis a partir da análise textual.

A hermenêutica implica a *Eingedenken*, rememoração, que possibilita ao historiador a transformação do presente. De acordo com Gagnebin:

Tal rememoração implica uma certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (2014, p. 55).

A rememoração lembra o sentido do profetismo bíblico de olhar para passado com a fidelidade em Deus através da seguinte linha teológica: pecado, castigo, conversão e salvação. Esta linha visa à libertação do povo pela presença do *Go'el*, Deus libertador. O intérprete age semelhantemente ao profeta na capacidade de transformar o presente mediante aquilo que pode ser vivenciado da obra de arte ou do texto filosófico e prosseguir, inclusive, o desdobramento de sua reflexão no reconhecimento que faz na interação com a obra ou o texto.

Considerações finais

A experiência do *Go'el*, Deus libertador, possui a missão de ajudar e proteger o povo de Israel, no intuito de salvaguardar a sua identidade frente ao domínio babilônico. A crise teológica de pensar que Deus o abandonou em razão da infidelidade vai, gradativamente a ser superada com a mensagem profética do Dêutero-Isaías. A profecia denuncia a precariedade da miséria humana e anuncia a ressignificação do lugar de Deus, não somente no Templo, e sim no coração daquele que se encontra no exílio. A restauração interior possibilita a esperança de um mundo melhor, pois o povo constata a permanência da fidelidade divina.

Além disso, o resgate é garantido mediante uma nova potência, que corresponde ao Império Persa com a figura de Ciro, de modo a transparecer a imagem do *Go'el*, Deus libertador, como criador e senhor da história. Por isso, castigará o orgulho da Babilônia e ensinará o caminho do direito social e da justiça aos exilados. Dessa forma, o olhar divino se mantém *hesed*, fiel, mesmo diante da infidelidade do povo, porque vê a sua fragilidade e o converte no desejo da libertação em torno da escravidão. O profeta age como portador da voz de Deus.

Quando se observa a situação caótica da guerra, com pessoas atormentadas, assim como o desespero da natureza, revelado através do céu cinzento, em virtude das queimadas, que, por sua vez, resultam na chuva preta, a proposta de Walter Benjamin vem com a sua força restauradora do olhar imerso no *Jetztzeit*, agora ou instante. A pessoa pode adquirir a formação de crítico literário para que, tal como o profeta Dêutero-Isaías,

possa denunciar a injustiça com a possibilidade do caminho da libertação. A emergência de se questionar acerca das falsas notícias é algo fundamental para analisar a *Ursprung*, origem delas. Trata-se, portanto, de retirar as balizas de sustentação da *Histoire zu machen*, história feita. O crítico literário age com a voz da *Wahrheit*, verdade.

A construção da *Geschichte*, História, é possível por meio do agora, porque instiga o passado, o presente e a luz do futuro, na convicção de dar visibilidade aos vencidos, que, muitas vezes, foram calados no decorrer da vida. A voz adquire, com efeito, a garantia da escrita que a torna imortal e permite a sua libertação. Nesse sentido, o diálogo desperta o *Sprung*, salto, para deslumbrar a beleza da verdade. A construção do bem comum se dá pela participação dos invisíveis na reconstrução dos valores da sociedade, dentre eles, o profetismo, a justiça social e o direito. A escrita da História deles rompe com a certeza dos vencedores e funciona como um trabalho terapêutico de cura para renomear a História. Assim, o profetismo cristão pode articular a ligação entre fé e política pelo viés da justiça e do bem comum, a fim de contribuir numa sociedade que seja, de fato, informada e com pessoas que agem com respeito diante da sociedade e do cuidado com o mundo.

Referências

ALAND, B. [et al.] *The Greek New Testament*. USA: United Bible Societies, 1983. p. 789.

ARANGO, J. R. Deus solidário com seu povo: o Go'el no Dêutero Isaías. *RIBLA*, n. 18, p. 46-55 [p. 142-150], 1994.

ARANGO, J. R. Isaías II la buena nueva de La redención de Israel. *Theologica Xaveriana*, n. 42, p. 251-263, 1992.

AUNEAU, J. O Dêutero-Isaías. In: AMSLER, S. [et al.]. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 303-349.

BENJAMIN, W. Alarme de incêndio. In: BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 6ª ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 2).

BEAUCHAMP, E. *Le livre de la consolation d'Israel-Isaie XL-LV*. Paris: Cerf, 1991.

BOJORGE, H. Go'el: El Dios pariente en la cultura bíblica. *Stromata*, n. 54, p. 33-83, 1998.

BOSCOLO, G. *A Bíblia na História: introdução geral à Sagrada Escritura*. São Paulo: Paulus, 2021.

GAGNEBIN, J. M. História e cesura. In: GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. 5ª reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 93-98.

GAGNEBIN, J. M. Memória, história, testemunho. In: GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. 1ª reimpr. São Paulo: Editora 34, 2014. p. 49-57.

KITTEL, A. R. *Bíblia hebraica: Stuttgartensia*. Deutsche Bibelgesellschaft: Stuttgart, 1997. (com prefácio em português e espanhol pela Sociedade Bíblica do Brasil).

KLEIN, R. W. YHWH disposto e capaz. Resposta do Dêutero-Isaías ao Exílio. In: KLEIN, R. W. *Israel no exílio*. Uma interpretação teológica. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 113-142.

LOPES, J. R. Tradução e notas da Primeira e Segunda Carta de Pedro. In: *BÍBLIA DO NOVO TESTAMENTO*. São Paulo: Paulinas, 2015.

LÖWY, M. A revolução é o freio de emergência-atualidade político-ecológica de Walter Benjamin. In: LÖWY, M. *A revolução é o freio de emergência: ensaios sobre Walter Benjamin*. Tradução de Paolo Colosso. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. p. 139-148.

MALI, E. H. *Prophets of Salvation*. New York: Herder and Herder, 1967.

MONLOUBOU, L.; DUBUIT, F. M. Go'el. In: MONLOUBOU, L.; DUBUIT, F. M. *Dicionário bíblico universal*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 329.

PEETZ, M. *O Israel bíblico: história, arqueologia, geografia*. São Paulo: Paulinas, 2022.

SILVA, N. M. B. A História da Literatura segundo Walter Benjamin e o diálogo com a hermenêutica bíblica. *Caminhos*, n. 18, p. 638-654, 2020.

STEIMANN, J. *O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*. São Paulo: Paulinas, 1976. p. 61-221.

VICENT, A. Go'el. In: VICENT, A. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1969. p. 234.

WIÉNER, C. *O profeta do novo êxodo: Dêutero-Isaías*. São Paulo: Vozes, 1980 (Cadernos bíblicos, 7).

Trabalho submetido em 27/09/2024.

Aceito em 21/11/2024.

Nelson Maria Brechó da Silva

D Doutor em Filosofia e em Teologia (ambos pela PUC-SP). Membro do Grupo de Pesquisa Ética e Filosofia Política da PUC-SP e Literatura Joanina também pela PUC-SP. Professor titular de Teologia (Faculdade João Paulo II - Marília/SP) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6194-1096>. E-mail: nelsonbrecho@yahoo.com.br